

OBSERVADOS: O VÍDEO PARA REVEBELAR O IMPACTO POLÍTICO E AMBIENTAL DAS REDES E DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

WATCHED: THE VIDEO TO REVEBEL THE POLITICAL AND ENVIRONMENTAL IMPACT OF SOCIAL MEDIA AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE

Ingra Oliveira Ribeiro Schmitt¹
Universidade Federal de Santa Maria
Associado/a/e ANPAP: NÃO.

Andréia Machado Oliveira²
Universidade Federal de Santa Maria
University of the Witwatersrand
Associado/a/e ANPAP: SIM.

RESUMO

Este artigo aborda a pesquisa de mestrado da autora³, ainda em andamento. Esta foca na vigilância proveniente das redes digitais, manipulação midiática e o impacto ambiental destas mídias, tendo o Sul Global como recorte principal. Tem como objetivo aumentar a produção poética sobre o assunto ao trazer tais problemáticas à tona através de vídeos e curtas metragens que possuam a mesma crítica, embasando-a em pesquisas teóricas. A metodologia utilizada baseia-se em uma associação constante entre a poética e técnicas de pesquisa como pesquisa documental a fim de abordar os impactos ambientais e políticos do uso das redes. Este artigo surge como desdobramento da pesquisa, que já acumula parcerias com outros pesquisadores que também buscam revelar tais questões ao revelar o problema, gerando rebeliões poéticas e políticas.

Palavras-Chave: Arte e Tecnologia; Videoarte; Revebelar; Ecologia, Política.

ABSTRACT

This article addresses the author's ongoing research to obtain a master's degree. It focuses on surveillance coming from social media, media manipulation and the environmental impact of these medias, with the Global South as the territorial scope. Its objective is to increase the poetical production on the subject by bringing awareness to those critiques through videos and short films that have the same themes, grounding it in theoretical research. The used methodology is based on a constant association between poetics and research techniques such as documentary research to address the environmental and political impacts of the use

¹ Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria, membro do Laboratório Interdisciplinar Interativo (LabInter) e bacharel em Arte Visuais- Desenho e Plástica pela UFSM.

<https://lattes.cnpq.br/2633643137374215>

² Artista pesquisadora do CNPq, da FAPERGS e da WITS University/África do Sul. Coordenadora do LabInter/UFSM. Pós-doutora pela City University of Hong Kong. Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio doutoral na Université de Montreal. Docente do Departamento e Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/UFSM.

<https://lattes.cnpq.br/7243757837987821>

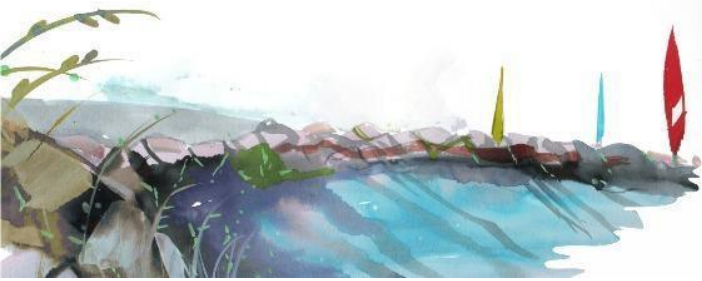


extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

of the internet. This article emerges as a continuation of the research, which has already accumulated partnerships with researchers who also seek to rebel these themes by revealing the problems with the intention of generating poetical and political rebellion.

KEYWORDS: *Art and Technology; Videoart; Rebel; Ecology; Politics.*



Por consequência de ter nascido no ano de 2001, como parte de uma família de classe média e filha de pais relativamente jovens (pai *generation X* e mãe *millennial*), tenho acesso às redes sociais desde os meus seis anos de idade, utilizando o facebook constantemente desde os onze anos. A partir do momento em que houve uma maior normalização e popularização do uso de redes sociais, vejo amigos viciados nas redes e nos ciclos de dopamina e toxicidade induzidos pelos algoritmos. Este foi o principal motivo pelo qual decidi fazer minha pesquisa abordando tais conceitos de forma crítica. Ao longo da pesquisa, percebi que o impacto ambiental destas redes é imenso e tais informações não são de conhecimento público. Posso afirmar que não tive acesso anteriormente e, não fosse pelo papel investigativo de estar na função de pesquisadora, assim como por frequentar disciplinas de arte digital e ter contato direto com a tecnologia e autores do campo através da academia, talvez nunca tivesse me deparado com estas informações.

Portanto, no mestrado o impacto político e ambiental dos centros de dados foi a abordagem em que escolhi focar, além da vigilância proveniente das redes sociais. Apesar de ter começado o mestrado este ano, a pesquisa é uma continuação de estudos anteriores e serve como aprofundamento para questões já publicadas, em um estado inicial, que foram apresentadas no XVI - SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER em 2023. Como desdobramento da pesquisa de mestrado que trato neste artigo, desenvolvi o coletivo artístico AstroAnômalos, projeto constituído junto à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como parte dos projetos do Laboratório Interdisciplinar Interativo- LabInter/UFSM. Como autora do projeto, organizo propostas artísticas com tema geral associado ao da minha pesquisa, para que os sete artistas membros da equipe trabalhem coletivamente. Nossas primeiras obras realizadas e, posteriormente, aceitas em festivais são: *Brazilian People from Space* (Imagem 1), que este ano será parte da exposição online EmMeio#17 e foi feita pela equipe original do projeto (constituída por Ingra Oliveira Ribeiro Schmitt, Bruno Bitencourt Lopes, Frederick Antunes Rodrigues e Pietro Porto Santos Carvalho); e *Mapping Brazilian Aliens* (Imagem 2), que surgiu quando novos apoiadores da Universidade Franciscana (UFN) juntaram-se à equipe (João Gabriel da Rocha Mangini, Davi Kraemer Sarzi Sartori e Silvio Otávio Possa de Oliveira). Esta obra será exibida no #2.ART.videomapping em 2025.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

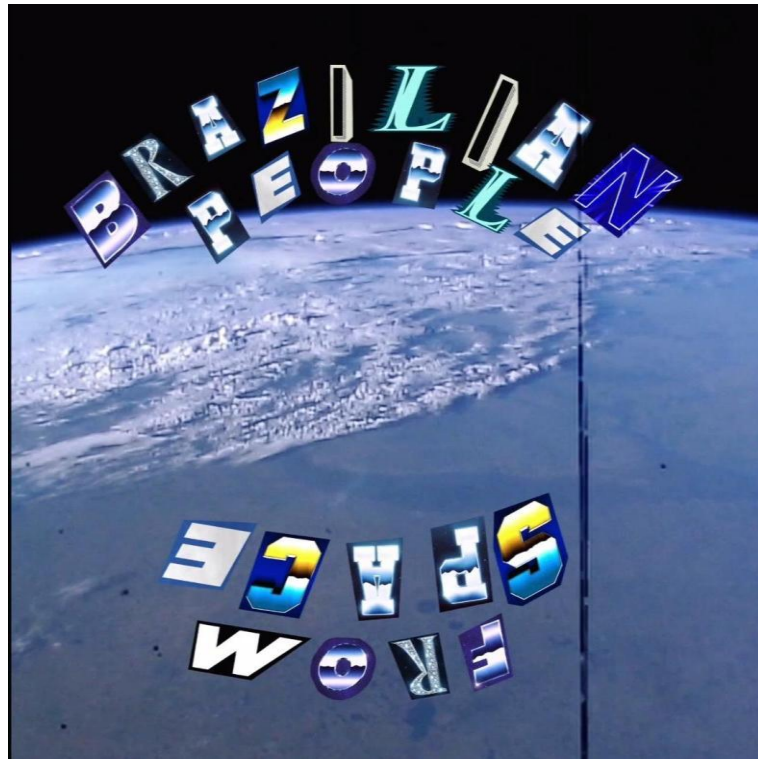


Imagem 1. Capa Brazilian People from Space, 2025. Frame de vídeo, 10cm X 10cm. Coletivo AstroAnômalos.

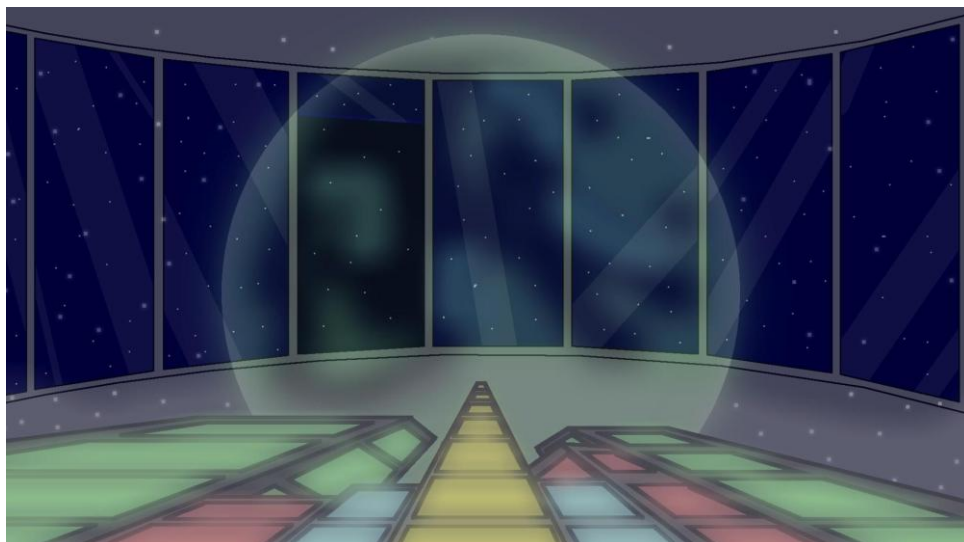
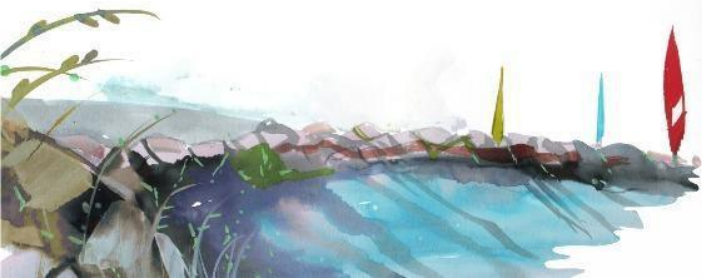


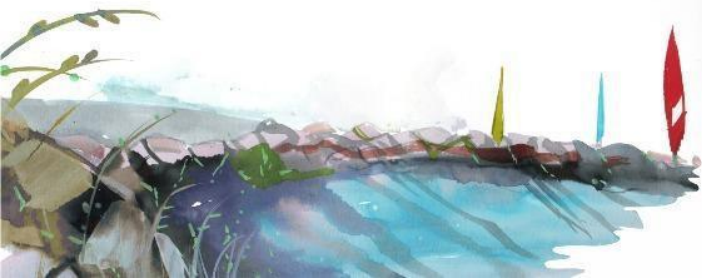
Imagem 2. Mapping Brazilian Aliens, 2025. Frame de vídeo, 12,5cm X 7cm. Coletivo AstroAnômalos.



Estas obras tratam do tema impacto ambiental partindo da premissa que, nesta pesquisa, tenho como local principal o Sul Global. A partir do projeto colaborativo *Cosmic Ancestry*, uma produção *fulldome* (vídeo com formato para planetário) no qual participei e foi realizada ao longo do ano de 2023 entre o LabInter/UFSM e a *University of the Witwatersrand/África do Sul*, passei a perceber a relevância de pensar uma conexão Sul-Sul entre os hemisférios. Esta abordagem territorial em relação ao tema da pesquisa é importante especialmente na forma como lidamos com a descolonização do acesso à informação e às tecnologias, assim como na maneira de trabalhar o fato de estamos suscetíveis à vigilância digital, que é uma constante em sua maioria proveniente do Hemisfério Norte.

Utilizo também o conceito de cosmotécnica, de Yuk Hui, para refletir sobre a forma como somos induzidos a acreditar na necessidade de todos estarmos em redes sociais. Esta necessidade, além de favorecer as empresas que lucram com a venda destes dados, é proveniente da mesma “necessidade” das sociedades de utilizarem somente uma forma de tecnologia, que é a digital, para serem consideradas desenvolvidas. Precisamos nos atentar a essa tendência, pois “os problemas gerados por esta cultura mono-tecnológica estão levando os recursos e a vida na terra a exaustão e à destruição ambiental, questões que são centrais para o discurso em torno do Antropoceno” (Hui, 2020). Partindo deste autor como referencial teórico, também associo o conceito de tecnodiversidade. É um conceito muito pertinente para abordar as semelhanças entre o Sul Global e as desvantagens enfrentadas pelo Brasil e a África do Sul, tanto para terem acesso às tecnologias atuais quanto para terem credibilidade em relação às suas tecnologias ancestrais, precisamos repensar “pensar divergências no seio do desenvolvimento tecnológico (como histórias culturais), ou seja, produzir tecnologias alternativas” (Hui, 2020).

Uma das principais justificativas que me levaram a escolher o impacto ambiental como foco para esta pesquisa é a quantidade exorbitante de água potável utilizada para que centros de armazenamento de dados não superaqueçam. De acordo com José Luis de Vicente, um referencial teórico importante para os conceitos ambientais e dados que me embasam, esta água é o suficiente para abastecer um país pequeno. Apesar de muitos *datacenters* aproveitarem a água que corre por seus sistemas, não é uma solução totalmente viável, pois ela evapora rapidamente. Pela procura constante de



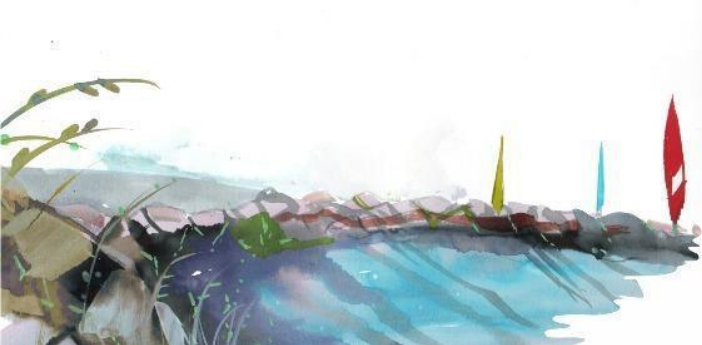
grandes companhias da indústria tecnológica para terem a própria Inteligência Artificial, surge mais uma razão para que estes centros de armazenamento de dados persistam. Existem diversas implicações éticas quanto ao uso de Inteligências Artificiais, desde o fato de serem treinadas com obras não autorizadas pelos artistas, até a realidade de terem seus filtros éticos desenvolvidos por humanos, muitas vezes mal pagos e em situações deploráveis, vendo brutalidades diariamente como os trabalhadores do Kenia que treinavam o filtro ético da *OpenAI* e foram entrevistados anonimamente pela *Time Magazine*.

Um trabalhador de Sama encarregado de ler e catalogar textos da OpenAI disse para a TIME que ele sofre de visões recorrentes após ler descrições gráficas de um homem (...) na presença de uma criança pequena. “Aquilo era tortura,” ele disse. “Você vai ler inúmeras declarações como essa durante toda a semana. Na hora que chega a sexta-feira, você já está perturbado de pensar sobre aquela imagem.” A natureza traumática do trabalho levou-o a cancelar seu contrato (TIMES, 2023, tradução nossa).

Aqui, pensamos também sobre as implicações políticas e decoloniais que mencionei. Apesar de serem empresas financiadas pelo Norte Global, tendo cidadãos estadunidenses como *CEOs*, as pessoas e locais que são selecionados para treinar as desvantagens destas tecnologias nasceram e residem do Sul Global.

Arte, Vídeo e impacto ambiental

Esta pesquisa contribui para o tema de impacto ambiental proveniente das redes ao trazer à tona, através da arte, questões pouco discutidas no *mainstream*. O vídeo é mais do que uma linguagem artística, mas uma técnica híbrida, que naturalmente possui a habilidade de transitar entre meios e dimensões culturais (Mello, 2008). O referencial *Extremidades do Vídeo*, livro escrito por Christine Mello (2008), coloca que o vídeo se trata muito mais de um procedimento midiático do que uma linguagem artística, afinal, para tal técnica de produção audiovisual é possível transitar entre todos os campos da arte e até mesmo campos de outras áreas com diferentes objetivos. Para tanto, é também o meio adequado para que possamos trabalhar no coletivo *AstroAnômalos*, no qual temos artistas com formações que variam entre Artes Visuais, Cênicas, Design de Jogos e até Engenharia Aeroespacial. Escolhi trabalhar



com vídeo também nas minhas produções individuais (Imagem 3) exatamente pela facilidade de hibridização, transdisciplinaridade e acesso.

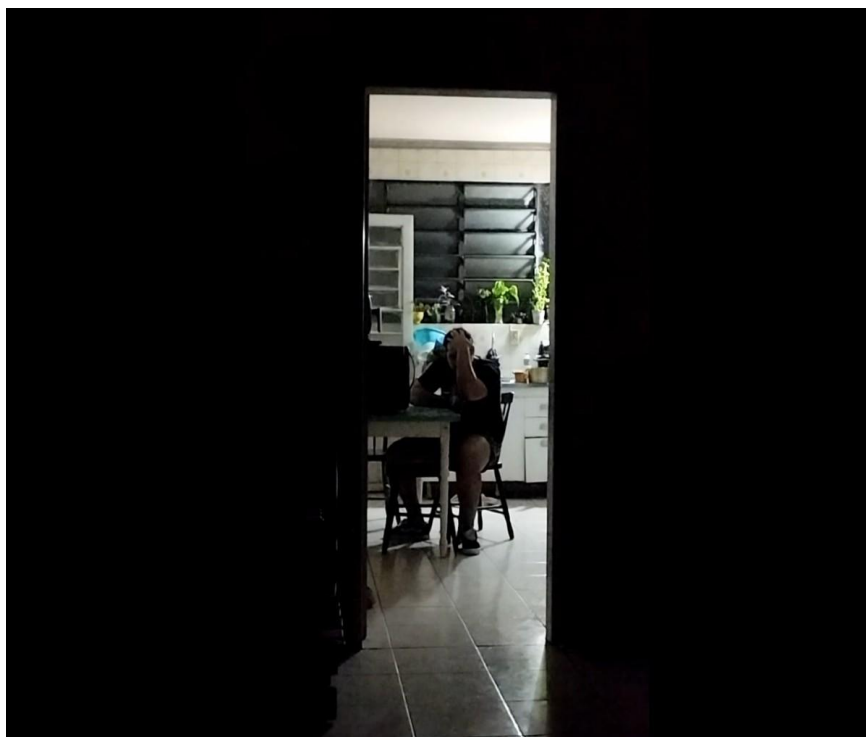
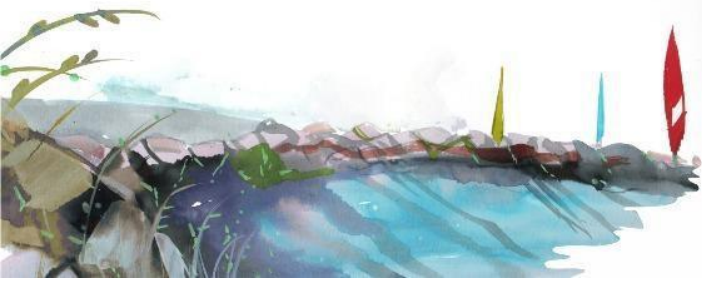


Imagem 3. *Paranoia*, 2025. Frame de vídeo, 11,4cm X 9,6cm. Ingra Schmitt.

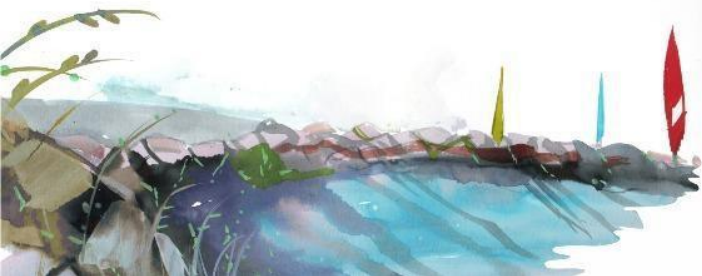
A obra *Paranoia* foi uma das primeiras produções poéticas que acompanhou o decorrer da pesquisa. Exibida na exposição *Enquanto forma*, na Sala de Exposições Cláudio Carriconde /UFSM, possui características narrativas e trata-se de um curta metragem utilizando diferentes planos e mais de um local de gravação para contar uma história sutil. Utiliza-se da técnica cinematográfica *foley* para a trilha sonora, pois praticamente todos os sons e efeitos sonoros foram feitos artificialmente na pós-produção e encaixados sob o vídeo. Disserta sobre a sensação de sentir-se observado e a forma como ter desconfiança em algo (especialmente se tratando de uma nova tecnologia) gera julgamento social, como o público, no papel de observador, julga o protagonista. Os pontos de vista oscilam entre o de uma câmera de celular, da câmera de segurança e a própria câmera frontal. Ainda assim, o vídeo é feito, em sua maioria, no formato vertical. Utilizei este formato para fazer uma alusão aos rastreadores de satélites e localizadores presentes nos aparelhos celulares, que carregamos constantemente. Exemplifica bem algumas das questões principais que



estão sendo trabalhadas nesta pesquisa, a maior parte da poética constituída até então acontece como produção de vídeo, pelos motivos citados anteriormente, sejam eles coletivos em parceria com o AstroAnômalos, ou individuais junto às disciplinas de mestrado. O trabalho de arte Paranoia também deve ser mencionado como um referencial artístico que representa de forma explícita o objeto teórico da pesquisa (o ato de revebelar). As questões referentes à vigilância aparecem claramente na narrativa do vídeo, buscando revelar o problema de forma figurativa. Quanto à rebelião posterior às revelações, em um sistema onde é necessário que não tenhamos acesso ao impacto político e ambiental de tais tecnologias, informar-se já é um ato de rebeldia.

Quanto à pesquisa teórica sobre as redes, ecologia e as mídias, utilizo Néstor Canclini (1990) como um referencial teórico para começar a discorrer sobre a cultura de mídias, afinal, não haveria uma adesão tão grande e compulsória de redes sociais não fossem as instituições e figuras de poder alegando tais posicionamento para as massas. Atualmente, mesmo eventos federais solicitam links de perfis em redes privadas como o *Instagram*, o *Facebook* ou mesmo o *X* (antigo *Twitter*). Isso colabora para que nos mantenhamos neste período em que as pessoas têm cada vez mais acesso a informação, sendo bombardeadas constantemente com notícias falsas, reais ou até de extrema importância, mas que se mesclam ao emaranhado de relatos e acabam não ficando na memória. Produzir arte que busca informar e gerar reflexão sobre assuntos urgentes como o impacto ambiental das redes digitais se torna uma necessidade. Uma forma possível de que as obras e reflexões cheguem ao público geral, não somente dentro da academia, é através de eventos públicos e festivais de vídeo que buscamos nos inscrever e organizar nós mesmos como coletivo, no final das produções. Tendo uma sociedade mais informada, temos uma maior possibilidade de proteção ambiental, tanto indivíduos quanto o ecossistema ganham.

Esta pesquisa contribui para a arte, mais especificamente dentro da linha de arte e tecnologia, ao fornecer uma abordagem mais crítica das ferramentas utilizadas pelo campo. É possível empregar tecnologias e desenvolver uma poética contemporânea sem aceitar todo e qualquer mecanismo que surja, sem nunca questionar as consequências da implementação e manutenção dos mesmos. A pesquisa teórica também contribui ao expandir o repertório de pesquisas científicas que tratam do



impacto ambiental das redes, um campo que existe e se torna mais necessário conforme a implementação de Inteligências Artificiais (um dos maiores responsáveis pelo *datacenters* na atualidade) é normalizada. Na poética, contribui ao abordar diferentes meios de inserir uma visão analítica e consciente das mídias através da produção de videoarte atual.

***Revelar* como ato poético**

Uma autora que está se tornando um importante referencial teórico quanto às diferentes estratégias para encarar os sistemas que mantêm o impacto ambiental das redes possível é Donna Haraway (2022), que além de artista é bióloga e pesquisa sobre ecologia e saúde ambiental associada à sociedade. Através dela, temos acesso ao pesquisador Brad Werner, que é um pilar argumentativo quanto ao meu objeto de pesquisa, o ato de *revelar*.

Brad Werner, engenheiro de sistemas complexos, dirigiu-se a uma sessão nas reuniões da American Geophysical Union [...] em São Francisco, em 2012. Seu argumento era bastante simples: cientificamente falando, o capitalismo global “tornou o esgotamento dos recursos tão rápido, conveniente e livre de barreiras que ‘sistemas terra-humanos’ estão se tornando perigosamente instáveis em resposta”. Portanto, ele defendeu, a única coisa científica a fazer é: revoltar-se! (Haraway, 2022, p. 69)

O objeto de pesquisa que crio é o ato de *revelar*, pois fez mais sentido desenvolver um gesto que englobasse ambas as ações esperadas do que ter que deixar algo importante de fora do estudo. Este conceito foi desenvolvido nesta pesquisa, para associar a ação de revelar à de rebelar. Revelar algo que está oculto incitando a rebelião. Aqui, me baseio em Brad Werner, cientista pesquisador que trata de recursos ambientais, desde 2012 ele afirma que a solução está em revoltar-se. Portanto, ao revelar o problema, espero reflexão e possível revolta. Quanto ao teórico José Luiz de Vicente, que mencionei no começo deste artigo, tive contato através de uma coletânea organizada por outro referencial desta pesquisa, Giselle Beiguelman. No artigo *Armazenando o Eu: sobre a produção social de dados* no livro *Futuros Possíveis*, Beiguelman trás referência, além de dados ambientais, a ideia de vigilância, falta de privacidade e armazenar a si mesmo, pois independente da relevância do



acontecimento, tudo fica armazenado por tempo indeterminado (e com legislações diferentes dependendo de cada país) em *Clouds*. Um exemplo disso é esta entrevista de janeiro de 2010, do *The Rumpus*, com um ex-funcionário anônimo do Facebook.

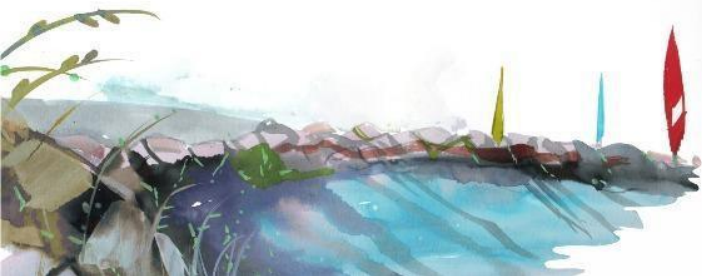
Quando você realiza qualquer tipo de interação no Facebook - subir uma foto, visitar o perfil de um usuário, atualizar seu status, alterar informações do seu perfil (...) armazenamos um instantâneo, basicamente um retrato do estado de todos os dados, em nossos servidores. Quero dizer que fazemos isso a toda hora, de todo dia, de toda semana, de todo mês (Vicente, 2014, p.278)

Em função do público geral não ter acesso às consequências ambientais deste armazenamento incessante de dados, não há como serem mais cuidadosos com o que acrescentam à rede por vontade própria. É de suma importância que os motivos do armazenamento destes dados sejam divulgados, pois a forma como a venda dos mesmos afeta a sociedade, política e economia é desconhecida por muitos usuários.

Considerações

Parte importante da poética é que as obras desenvolvidas ao longo da pesquisa teórica existam em um mesmo universo e com problemáticas similares, porém utilizando diferentes técnicas para um melhor aproveitamento das linguagens e hibridização do vídeo. Alguns materiais empregados para as experimentações foram câmeras de vídeo digital, câmera de celular para cinema mobile, câmera digital 360° e softwares de edição. O método de poética (quando trabalhado pela autora e pesquisadora Sandra Rey, uma das principais fontes de informação quanto ao método desta pesquisa) é uma abordagem metodológica base para entender o processo de criação artística e a forma como as obras serão constituídas juntamente da pesquisa teórica, valorizando o processo como parte integral da produção. O desenvolvimento de um caderno secreto, técnica sugerida por Sandra Rey como parte do método poética, é algo que aderi e estou equilibrando junto da pesquisa documental e análise de discurso, técnicas importante para a parte teórica associada ao tema da pesquisa.

Portanto, todas as obras mencionadas anteriormente, desde aquelas que abordam a temática diretamente, de forma explícita como *Paranoia*, até obras mais sutis que focam no contexto cultural e territorial, como *Brazilian People from Space*, dialogam



com os conceitos quanto à ecologia propostos por Haraway, a vigilância discutida por Beiguelman e Vicente e a tecnodiversidade de cosmotécnica de Yuk Hui. Daqui em diante, pretendendo manter o coletivo *AstroAnômalos* ativo e produzir mais poéticas que agreguem na pesquisa e ajudem a cumprir com o objetivo de *revelar* os problemas ambientais atuais, para que a rebeldia subsequente a revelação apareça tanto na forma de explorações poéticas quanto de uma mudança no pensamento político e cultura midiática contemporânea.

Referências

VICENTE, José Luiz de. Armazenando o Eu: sobre a produção social de dados. In: Futuros Possíveis: arte, museus e arquivos digitais. Org. Giselle Beiguelman... [et al]; São Paulo: Ed. USP, 2014.

MELLO, Christine. Extremidades do vídeo. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno e Chthuluceno In Antropoceno ou Capitaloceno? Org. Jason W. Moore. Ed. Elefante, 2022.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais In O meio como ponto zero. BRITTES, Blanca; TESSLER, Elida. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

HUI, Yuk. Entrevista publicada por Viento Sur. Tradução do Instituto Humanitas Unisinos-CEPAT, ago. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/602272-atecnodiversidade-implica-pensar-divergencias-no-seio-do-desenvolvimentotecnologico-entrevista-com-yuk-hui> Acesso em 12 jun. 2025.

HUI, Yuk. Cosmotecnics, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0969725X.2020.1790828> Acesso em 12 jun. 2025.

ZORTHIAN, PERRIGO. Exclusive: OpenAI Used Kenyan Workers on Less Than \$2 Per Hour to Make ChatGPT Less Toxic. Nova Iorque. Ed: Times Magazine, 2023. Disponível em: <https://time.com/6247678/openai-chatgpt-kenya-workers/> Acesso em 12 jun. 2025.

Notas

³ Pesquisa apoiada pela CAPES, CNPQ e FAPERGS.